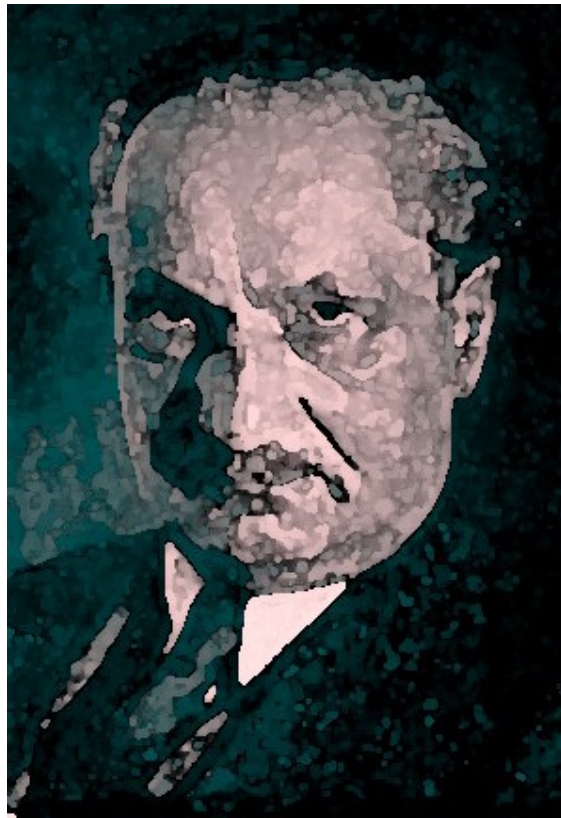


A OBRA DE ARTE

segundo Heidegger



Gustavo Bertoche

eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.org

Edição do Autor
© 2006 - Gustavo Bertocche

A distribuição deste texto online é permitida desde que sejam respeitados a primazia do Autor e seus copyrights. Não distribua sem citar fonte, não venda, não re-edite o texto.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 2006

Para entrar em contato com o autor:

gusbertocche@gmail.com

<http://diarioazul.blogspot.com>

A obra de arte segundo Heidegger

O que é a obra de arte? Como uma coisa pode se tornar arte?

Estas duas perguntas são fundamentais quando se trata do fenômeno artístico. Afinal, não podemos falar de “arte” sem nos remetermos à “obra de arte”.

Na história da filosofia, há muitos filósofos que interrogam-se acerca da arte e do que a define, que é a obra.

No texto que você tem em mãos, o problema “o que é a obra de arte?” será respondido pela filosofia de Martin Heidegger, um dos filósofos alemães mais importantes do século XX.

Trabalharemos com base no livro *A origem da obra de arte* (HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Lisboa: Edições 70, 2000; o livro é fruto de três conferências de 1936, editado originalmente em 1950), a partir do qual delinearemos quatro eixos que se encontrarão no fim.

Em primeiro lugar, procuraremos mostrar como Heidegger compreende que a perspectiva tradicional sobre o que é a “coisa” está errada.

Em segundo lugar, explicaremos o que Heidegger quer dizer com a afirmação de que a característica do apetrecho não é a utilidade, mas a “confiabilidade”, a “solidez”.

Terceiro, comentaremos os termos “mundo” e “terra” a partir da descrição que Heidegger faz da pintura de Van Gogh e da descrição do templo.

Finalmente, em quarto lugar, exporemos a diferença que Heidegger vê entre a “coisa”, o “apetrecho” e a “mera coisa”. A partir daí, o círculo hermenêutico se fecha e haveremos compreendido a “obra de arte” segundo Heidegger.

Utilizaremos citações mais ou menos extensas para que o leitor possa ir aos trechos do livro por si mesmo.

Comecemos então pelo primeiro eixo que propusemos. Heidegger apresenta 3 modos tradicionais de se conceituar a coisa:

1 - a coisa como suporte de propriedade;

2 - a coisa como unidade de múltiplas sensações e

3 - a coisa como matéria enformada.

Em cada uma das três, no entanto, ele mostra como a coisa permanece impensada.

Heidegger logo de início determina que, para encontrar a essência da arte, devemos procurar a obra real e perguntar à obra o que e como é. A resposta é que toda obra tem um caráter de coisa. Embora chamar de coisa a obra de arte possa parecer grosseiro, porque assim poderiam se expressar a faxineira ou o vigia do museu, não se pode contornar o caráter coisal da obra.

Assim, para buscar a origem da obra de arte é necessário que, antes de tudo, se compreenda o que a coisa é – e o que a coisa não é. Parece que é bastante óbvio o que a coisa é. Tradicionalmente, se entende a coisa de três modos. (A razão pela qual Heidegger torna necessário conhecer estes três conceitos é simples: ele procura, pela apresentação da presunção destes conceitos, assim como pela refutação de sua aparente obviedade, manter afastados os enganos destes modos de pensar).

O primeiro modo de entender a coisa é como suporte para as propriedades. A propósito, assim se expressa Heidegger (*A origem da obra de arte*, edições 70, 2000, p. 16):

Uma simples coisa é, por exemplo, este bloco de granito. É duro, pesado, extenso, maciço, informe, rude, colorido, ora baço,

*ora brilhante. Tudo o que acabamos de enumerar podemos encontrar na pedra. Tomamos assim conhecimento das suas características. Mas as características indicam que é peculiar à própria pedra. São as suas propriedades. A coisa tem-nas. A coisa? Em que pensamos quando nos referimos aqui à coisa? Manifestamente, a coisa não é apenas o somatório das características, tampouco a acumulação das propriedades através da qual somente surge o todo. **A coisa é, como todos julgam saber, aquilo em torno do qual estão reunidas as propriedades.***

Aparentemente, este modo de compreender a coisa corresponde ao nosso olhar natural sobre as coisas. Mas a naturalidade que sentimos vem do hábito antigo: o hábito de projetar o modo como concebe a coisa no enunciado sobre a estrutura da própria coisa (o que

transpõe, sem que seja nem ao menos perguntado como, a estrutura da preposição para a coisa, sem que a própria coisa tenha se tornado visível); esta interpretação não é natural e, sobretudo, afasta a coisa de nós, jogando-a no campo do discurso. E esta interpretação da coisa como suporte de suas características não vale apenas para a coisa, mas para todo o ente. Por isso, não basta para distinguir o ente coisal do ente não-coisal – é geral demais. Este modo de compreender a coisa deve, portanto, ser afastado.

O segundo modo de entender a coisa é como a unidade de uma multiplicidade do dado nos sentidos. O problema imediato que apresenta Heidegger é que esta interpretação é sempre tão geral quanto a anterior. Mas existe outro problema: não é verdadeiro que as coisas se apresentem imediatamente a nós como sensações. Com efeito, quando ouvimos um

motor de automóvel, não ouvimos apenas o ruído – não, nós ouvimos a coisa motor. Para ouvir um mero ruído, para ver uma mera cor, para ter uma mera sensação, temos que deixar as coisas, ouvir abstratamente. Esta concepção acaba por nos aproximar excessivamente das coisas. Como diz Heidegger (*A origem da obra de arte*, p. 19):

No conceito de coisa agora referido, não há tanto um ataque à coisa quanto a tentativa exagerada de trazer as coisas a uma imediatez tão grande quanto possível em relação a nós. Mas uma coisa nunca aí chega, enquanto lhe atribuímos o que é percebido na sensação como o seu caráter coisal. Enquanto a primeira interpretação da coisa no-la mantém à distância e demasiadamente afastada de nós, a segunda fá-la vir excessivamente sobre nós. Em ambas as interpretações, a coisa

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

